

O ITINERÁRIO DE SEGUIMENTO PROPOSTO POR SANTA CLARA

THE ITINERARY OF FELLOWSHIP PROPOSED BY HOLY CLARA

Frei Kleber Moresco¹

RESUMO

O seguimento de Jesus na espiritualidade de Santa Clara requer uma decisão profunda. Clara tem bem presente que a vocação é uma escolha de Deus; Ele escolhe e chama, mas o cumprimento dessa vocação é um processo transformativo gradativo. No presente trabalho apresentamos as três atitudes daquele que deseja seguir Cristo: a de ser mãe, irmã/filha e esposa de Jesus. A atitude de permitir que Jesus se torne presente através da vida é uma escolha pessoal e profunda. A maternidade de Cristo é uma escolha pessoal, mas que traz consigo a escolha pela pobreza. Cristo escolheu se encarnar na pobreza, portanto apesar de ser uma escolha pessoal, a opção pela maternidade requer uma Kénosis pessoal. O segundo convite, o de ser irmã/filha, é uma opção de Deus por cada pessoa. A partir do sacrifício de Cristo podemos ser considerados filhos adotivos de Deus, e por isso irmãos uns dos outros. Contudo, aceitar a opção de Deus para cada pessoa da humanidade é um convite para viver a humildade, pois, mesmo não merecendo, Deus escolheu a humanidade estando mergulhada no pecado. O último convite de união com Cristo é a nupcialidade, esta é uma escolha que depende de ambos os lados. Clara faz um convite para que, através de sua vida, Inês demonstre o amor que tem por Cristo, e então, no fim da vida, ela será escolhida para participar do Banquete celestial. Tomar Cristo como esposo é aceita-lo de forma incondicional e, aos poucos, se deixar transformar por esse relacionamento. Desposar Jesus, seja no presépio, na cruz ou no calvário, é uma necessidade para ser desposado por Ele na

¹ Graduado em Filosofia pela FAERPI. Aluno do curso de Teologia do Instituto Claretiano de Teologia. *E-mail*: klebmoresco@hotmail.com

vida eterna. Santa Clara apresenta o processo de identificação com Cristo. Através desse processo todas as fibras do coração e da vida são unidas com aquele que é o amor e a vida em plenitude.

Palavras-chave: Escolha. Humildade. Identificação. Kénosis. Nupcialidade.

ABSTRACT

The fellowship Jesus in the spirituality of St. Clare requires a profound decision. Clare is well aware that the vocation is a choice of God; He chooses and calls, but the fulfillment of this vocation is a gradual transformative process. In the present work we present the three attitudes of the one who wishes to follow Christ: that of being a mother, sister / daughter and wife of Jesus. The attitude of allowing Jesus to be present through life is a personal and profound choice. The motherhood of Christ is a personal choice, but it brings with it the choice of poverty. Christ chose to incarnate in poverty, so despite being a personal choice, the option for motherhood requires a personal Kenosis. The second invitation, that of being a sister / daughter, is God's choice for every person. From the sacrifice of Christ we can be considered as adopted children of God, and therefore brothers of one another. However, accepting God's choice for every person of humanity is an invitation to live humility, because, even though not deserving, God chose humanity, even if it was steeped in sin. The last invitation of union with Christ is nuptiality, this is a choice that depends on both sides. Clare invites through her life to demonstrate the love she has for Christ, and then, at the end of her life, she will be chosen to participate in the heavenly Banquet. To take Christ as a husband is accepted unconditionally and gradually allowing to be transformed by that relationship. To marry Jesus in the nativity scene, on the cross or on Calvary is a necessity to be betrothed by Him in eternal life. Saint Clare presents the process of identification with Christ, through this process all the fibers of the heart and life are united with that which is love and life in fullness.

Keywords: Choose. Humility. Identification. Kenosis. Nuptiality

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- Adm – Admoestações (In: Fontes Franciscanas e clarianas)
- 1 Cor – Primeira Carta aos Coríntios (In: Bíblia)
- 2 Cor – Segunda Carta aos Coríntios (In: Bíblia)
- 1 CtIn – Primeira Carta de Santa Clara à Inês (In: Fontes Franciscanas e clarianas)
- 2 CtIn – Segunda Carta de Santa Clara à Inês (In: Fontes Franciscanas e clarianas)
- 3 CtIn – Terceira Carta de Santa Clara à Inês (In: Fontes Franciscanas e clarianas)
- 4 CtIn – Quarta Carta de Santa Clara à Inês (In: Fontes Franciscanas e clarianas)
- Gl – Carta aos Gálatas (In: Bíblia)
- 1 Jo – Primeira Carta de João (In: Bíblia)
- LSC – Legenda de Santa Clara (In: Fontes Franciscanas e clarianas)
- 2LV – Legenda Versificada de Santa Clara (In: Fontes Franciscanas e clarianas)
- Os – Oséias (In: Bíblia)
- RSB – Regra de São Bento

INTRODUÇÃO

Clara nasceu por volta do ano de 1193, na cidade de Assis, Itália. Filha de uma família nobre da época os *Offreducci*, tinha um casamento arranjado desde muito jovem, por interesse de sua família. Pela forma como Clara escreve suas cartas, demonstra grande conhecimento do latim e muita cultura. No domingo de Ramos, decidiu fugir da casa dos seus pais, ir até a Porciúncula, e depois permanecer por um tempo no Mosteiro São Paulo das beneditinas. Tempos depois, ela foi viver no convento de São Damião, reconstruído por Francisco. Nesse convento, iniciou o grupo que veio a se chamar de **Damas Pobres**, e que hoje é conhecido como **Ordem das Clarissas**. Santa Clara foi a primeira mulher a escrever uma Regra de vida.

Santa Clara viveu o encontro com Cristo de um modo muito bonito, e suas experiências estão registradas principalmente nas cartas que ela escreveu para Inês de Praga, sua grande amiga. A forma como Clara vivia o seguimento de Cristo é muito concreta e simples, mas ao mesmo tempo muito profunda.

A imagem do espelho indica três virtudes principais contidas no espelho, a pobreza, a humildade e a caridade. A pobreza daquele que ficou no presépio e a humildade e caridade daquele que se deixou crucificar e padeceu por nós. A partir dessas virtudes é que Clara indica o caminho de seguimento de Cristo a partir das virtudes que Ele próprio viveu.

Clara, ajudada por Francisco de Assis, iniciou uma nova forma de vida, resgatando muitos valores importantes do Evangelho. A escolha pela pobreza é um dos pilares para compreender a espiritualidade de Clara, não há como escolher Cristo sem fazer uma opção pela pobreza. A pobreza de Jesus foi profunda e total, por isso não há espaço na compreensão de Clara para uma pobreza apenas material ou apenas espiritual. Cristo escolheu para si a pobreza total, e exatamente essa pobreza total é o modo de vida franciscano.

Há uma relação entre a pureza de vida com a vida em pobreza; aquele que vive na pobreza total mantém seu coração exclusivo de Deus. O amor a outras coisas, a não ser o Evangelho, impedem o

seguimento verdadeiro de Cristo. A pobreza é a forma mais confiante de entrega a Deus.

Jesus dignou a humanidade para ir a seu encontro através da sua entrega total na cruz, portanto a cruz é o maior símbolo de humildade, pois aquele que não tinha pecado assumiu nossos pecados (Cf. 2 Cor 5,21). A cruz é o marco da entrega de Cristo e da humanidade que foi elevada pelos seus méritos. A partir da cruz, todos somos novas criaturas. A cruz não permanece como sinal da morte humilhante, ela é porta para a ressurreição que acontece por amor do Pai.

A caridade é o amor que Cristo insiste em ter com a humanidade, mesmo repleta de pecados e reafirmando a traição, Ele continua amando e nutrindo os seus. A esponsalidade pelo perdão de Deus diante de todas as infidelidades humanas. Nesse processo turbulento, Cristo mesmo se apresenta como caminho para a felicidade. Desposar o Rei da Glória não é o prêmio para aqueles que levaram uma vida perfeita; desposar o Rei da Glória é uma opção de cada pessoa demonstrada pela vida, não pelas vitórias, mas pelas lutas. Cristo escolheu os que mais precisavam de salvação, Ele sabia que os encontraria muitas vezes desgarrados e sujos, mas diante de um coração que anseia descobrir o amor verdadeiro, Ele derrama todo seu amor.

1. O CRISTO SE FEZ POBRE

Cristo escolheu a pobreza desde a sua encarnação, fazer-se humano envolvia abrir mão de sua condição divina. Ele assumiu nossa pequenez de forma total. O próprio Deus, que não tinha pecado, assumiu as consequências de um ato que Ele não cometeu para demonstrar o seu desejo de proximidade com sua criatura amada.

Todos que são pobres necessitam de ajuda; da mesma forma, o menino Deus, necessitou em tudo de uma mãe. Quando estava em missão precisou de amigos para se alimentar e descansar (Cf. Lc 19,5), precisou de ajuda para entender sua missão (Cf. Mt 15, 22-27), precisou de afeto e carinho (Cf. Lc 7,44-48), precisou rezar (Cf. Mc 6,46), precisou de ajuda nos momentos difíceis (Cf. Mc 14, 32-38) ...

Jesus se fez pobre para apresentar que ainda que o caminho de seguimento seja exigente, mas conduz à felicidade. Ele apresentou através da própria vida como devemos fazer; se nós sofremos, Ele sofreu mais; se somos perseguidos, Ele foi mais; se nossa cruz é pesada, a Dele foi mais, a única razão por escolher um caminho tão difícil, foi o imenso amor que Ele tem por cada pessoa. Quanto mais pobre, mais se ama.

1.1 OS POBRES PRECISAM TRABALHAR

“No mundo Greco-romano o trabalho manual não era considerado uma atividade propriamente humana, por isso era reservado aos escravos” (BRUNELLI, 1998, p. 116). Os monges foram os primeiros a irem contra tal concepção; na Regra de São Bento consta, “A ociosidade é inimiga da alma; por isso, em certas horas devem ocupar-se os irmãos com o trabalho manual, e em outras horas com a leitura espiritual” (RSB 48,1). O monge se solidariza com aqueles que precisam trabalhar para conseguir seu sustendo.

Clara conhecia a Regra de São Bento, pois logo depois que Francisco cortou seus cabelos, ele a levou para o mosteiro de São Paulo das beneditinas, onde ficou por um tempo. Quando Clara escreve a Regra, no capítulo referente ao trabalho menciona:

As irmãs a quem o Senhor deu a graça de trabalhar, trabalhem com fidelidade e devoção, [...] em um trabalho que seja conveniente à honestidade e ao bem comum, de modo que afastando o ócio, inimigo da alma, não extingam o espírito de oração e devoção, ao qual as outras coisas temporais devem servir (RSC 7,1-2).

Clara e Francisco têm uma visão diferente do trabalho, ele não é apenas para afastar o ócio, mas é uma graça que Deus concedeu. O trabalho pode ser uma forma de conduzir à oração e devoção.

Mesmo a distribuição do trabalho é diferente nas regras. “Em São Damião, este trabalho cotidiano era partilhado uniformemente entre

as sórores sem exceção alguma” (BARTOLI, 1982, p. 80); o trabalho não é uma opção, é uma necessidade daqueles que escolheram viver em pobreza.

Essa forma de viver, por ser novidade, chama a atenção de Jaques de Vitry, que afirma: “As mulheres, porém, moram juntas em diversos lugares em que se hospedam, e não recebem nada, mas vivem do trabalho das mãos” (FONTES..., 2004, p. 1422). A vida em pobreza era um aspecto que estava se resgatando da vida de Cristo, de uma forma atualizada. Os mosteiros possuíam muitas posses, por isso, não era necessário o trabalho dos monges, que se dedicavam quase que exclusivamente ao estudo e oração.

A pobreza é um aspecto fundamental da vida e espiritualidade de Santa Clara, tanto que, mesmo diante da insistência papal, ela escreve para Inês: “Se alguém lhe [...] sugerir algo diferente, [...] mesmo que mereça sua veneração, não siga o seu conselho. Abrace o Cristo pobre como uma virgem pobre” (2 CtIn 17-18). A pobreza é uma das necessidades para acolher Jesus na manjedoura do coração.

1.2 AMOR DESINTERESSADO DE MÃE

Nas cartas à Inês, Clara utiliza várias vezes a expressão: mãe, irmã/filha e esposa; cada uma dessas atribuições corresponde a uma imagem de Cristo. Mãe do menino Jesus posto no presépio, irmã/filha do crucificado, e esposa do Rei celeste (Cf. 4 CtIn 19-32).

Na figura da encarnação, Clara destaca a pobreza. A maternidade é uma escolha que envolve a gratuidade; mesmo sem conhecer seu filho, e sem esperar nenhuma retribuição, a mãe ama incondicionalmente seu filho. A vida em pobreza necessita do mesmo amor convicto; sem esperar nada em troca, a pobreza é acolhida por amor àquele que se fez pobre (Cf. PEDROSO, 1992, p. 178).

A opção pela pobreza não é entendida se não a partir da ótica do amor. A pobreza não é fruto de uma condição externa, é uma opção interna que se torna vida.

A virgem Clara fechou-se no cárcere desse lugar apertado por amor ao Esposo celeste. Abrigando-se

da tempestade do mundo, encarcerou seu corpo por toda a vida. [...] Nobres e ilustres, abandonando vastos palácios, construíram mosteiros apertados e tiveram por grande honra viver pelo amor de Cristo em cinza e cilício. [...] Eram tais esses frutos de salvação dados à luz pela virgem Clara com seus exemplos, que nela parecia cumprir-se o dito profético: a abandonada tem mais filhos que a casada (LSC 10).

Foi a experiência com Cristo que se tornou testemunho, o que fez com que os nobres da época também quisessem abraçar esse modo de vida. Jesus pode se encarnar através da vida pobre e humilde de Clara. Aquela que se fez pobre foi elevada por Deus. O amor desinteressado de Deus é contagiante, e revelado por meio de atitudes, assim como atestam sobre Clara: “Verdadeira mestra dos rudes e formadora dos jovens no palácio do grande Rei, ensinava-as com tal pedagogia e as formava com tão dedicado amor que não há palavras para dizê-lo” (2 LV 36).

Clara várias vezes chama suas irmãs de filhas, trata cada uma delas com amor semelhante ao de uma mãe, e “as filhas, gratas por sua bondade, correspondiam com toda dedicação” (LSC 38).

Deus se encarnou na pobreza para enriquecer o homem, mergulhado na miséria, essa foi a medida do amor. É diante desse exemplo que o amor às outras pessoas deve ser medido. A responsabilidade de ser mãe é muito grande, pois, em primeiro lugar, Deus é nossa mãe, e Ele serve de exemplo para nossas atitudes.

A virgem muito santa, voltando-se para si mesma, diz baixinho a sua alma: “Vá segura, que você tem uma boa escolta para o caminho. Vá, diz, porque aquele que a criou também a santificou; e, guardando-a sempre como uma mãe guarda o filho, amou-a com terno amor. E Bendito sejais vós, Senhor, que me criastes!”. (LSC 46)

Não existe maneira de medir o amor de uma mãe, mas, ao mesmo tempo, não existe nada mais concreto que esse mesmo amor. Se entregar tanto para amar quanto para ser amado exige grande parcela

de fé, crer é condição necessária para amar. Clara se entrega de todo coração ao seu amado, e ao mesmo tempo, se entrega inteiramente a amar suas irmãs e filhas.

1.3 A VIDA EM POBREZA

A forma com que Clara fala sobre a pobreza, nas quatro cartas à Inês, é uma maneira pedagógica e apaixonante. Inês, uma nobre, que se apaixonou pelo esposo da mais nobre estirpe; aquele que Clara anunciava. Inês decidiu então, se converter, para viver com muitas privações, mas mergulhada no mar de amor, que o Espelho indicava.

Inês deixou os bens terrenos pelas riquezas do Reino. Percebeu que não era possível seguir Jesus Cristo pobre, sendo esposa do imperador. Sua experiência como filha de rei lhe dava esta certeza, confirmada pelo próprio Evangelho (BRUNELLI, 1998, p. 132).

Inês encontrou seu amado e o seguiu, viveu o que o Espelho mostrava, e não se arrependeu. Aquele que ela tomou por Esposo, ornou-a de virtudes, preservou-a de toda impureza e, assim, Inês ficou cada vez mais bela.

A verdadeira ilusão não está no amor ao Cristo pobre, mas em acreditar que a riqueza trará felicidade. “Clara compreendera que a pobreza não é privação, mas triunfo da fantasia que ama, sobre todas as limitadas invenções das riquezas do mundo” (ZAVALLONI, 1995, p. 191).

A pobreza é algo que deve ser testemunhado de forma alegre, pois é o caminho que Jesus ensinou. “Ninguém tem que pensar em acolher a pobreza que, em si, é um mal. A questão é acolher Jesus Cristo, que é o libertador dos pobres para que tenham vida em plenitude” (PEDROSO, 1992, p. 146). O seguimento do Cristo pobre liberta, inclusive, das misérias existenciais daqueles que sentem a necessidade de manter uma aparência falsa.

O Cristo mais concreto que emergiu da alta contemplação de Clara foi o Cristo Pobre. Esse foi o aspecto de Jesus de Nazaré que mais provocou e

identificou o seu Cristo interior. E foi o aspecto que a levou a ingressar no movimento das pobres, onde veio a ter um papel de liderança. É possível que ninguém tenha mostrado melhor do que ela, que a pobreza de Jesus Cristo não era apenas uma virtude, mas um programa de vida (PEDROSO, 1994, p. 99).

Clara entendeu que mesmo a encarnação de Cristo era um processo de fazer-se pobre, a Kénosis de Cristo é o esvaziamento da condição divina para acolher a natureza humana. “Clara amou a pobreza e fez dela seu modo de vida, porque o Filho de Deus, vindo a este mundo, escolheu ser pobre desde Belém até a cruz” (BRUNELLI, 1998, p. 105). A vida de pobreza, que Jesus levou do início ao fim de sua vida, foi o mesmo caminho que Clara escolheu para seguir. Os sinais da pobreza de Cristo podem ser percebidos desde sua encarnação até a eternidade, pelas chagas; marcas de um amor incondicional e desinteressado.

Todas as dificuldades que Jesus aceitou com a encarnação fazem parte do processo de Kénosis que Ele assumiu por nós. Cada vez que a vida em pobreza é abraçada voluntariamente, esse processo Kenótico é renovado em cada pessoa. Quem abraça a pobreza, assume o papel de mãe de Jesus, pois Cristo é quem dá sentido à pobreza. Aquele que pratica a pobreza na vida carrega Jesus no coração (Cf. BRUNELLI, 1998, p. 197).

Cristo não escolheu para si o sofrimento, escolheu o amor; da mesma forma a vida em pobreza é a liberdade para amar mais e melhor. A pobreza é mãe e princípio das virtudes, pois do egoísmo e do apego não podem brotar virtudes. O amor que impulsiona à pobreza, também é a força necessária para superação das dificuldades da vida pobre. Quem ama não foge da dificuldade, Clara “não fugiu da cruz, abraçou-a, como uma virgem despojada, vazia, pobre, com todo o seu interior reservado para Deus” (PEDROSO, 1994, p. 240).

O sumo rei se fez pobre como um humano, para que fosse possível toma-lo como esposo. Contudo, a encarnação de Cristo não alterou sua dignidade, pelo contrário, permitiu que a nossa natureza fosse elevada à glória celeste pela sponsalidade com tão nobre rei.

Não temos nada de próprio nesse mundo, a não ser nossos pecados (Cf. Adm 5), os quais causam vergonha. Portanto, a vida sem nada de próprio abre espaço para Deus. Quem se acha possuidor de muita coisa não consegue perceber que tudo aquilo que possui, foi concedido pelo amor de Deus. Nada valioso nos pertence, o amor divino é o que de mais concreto podemos abraçar. “Abraça o Cristo pobre como uma virgem pobre” (2 CtIn 18).

O testemunho do seguimento por inteiro ultrapassa os limites do tempo. Jesus não é um personagem da história, é uma pessoa que orienta a cada instante. Clara, a abadessa de São Damião, se denomina “servidora de Cristo e serva das damas pobres” (3 CtIn 1). Cristo ensinou esse modo de vida para Clara, ela não é mestra; é mãe e aprendiz.

Clara percebeu que a divindade “revelada a este mundo, apareceu na figura de um pobre: Deus, o máximo de tudo que podemos sonhar, é pobre. Isto é, Ele não tem, Ele é” (PEDROSO, 1994, p. 238). Da mesma forma, Clara, livre de toda propriedade, tornou-se imagem do Cristo pobre.

A pobreza é uma necessidade ética daquele que opta por Cristo. A pobreza é necessidade para entrar no céu. A vida e escritos de Santa Clara só podem ser entendidos a partir dessa opção pela pobreza. A pobreza é o aspecto mais fundamental da vida e seguimento de Clara e Francisco (Cf. ROTZETTER, 1994, p. 235).

A vida em pobreza adquire significado quando, através da vida de cada pessoa, a pobreza de Cristo é anunciada. A pobreza adquire significado quando remete à vida de Cristo, que se fez pobre por excelência (Cf. ROTZETTER, 1994, p. 218). Não é possível falarmos de uma vida de pobreza somente espiritual ou material; Cristo viveu de forma humilde, sem recursos, mas também assumiu as consequências da condição vergonhosa de pecado da humanidade (Cf. PEDROSO, 1992, p. 146). O seguimento total só acontece vivendo a pobreza por inteiro.

A dor do desapego é muito inferior às alegrias da vida eterna. Essa dor é confortada com a certeza da aproximação com Deus. No amor não

há espaço para o medo, o perfeito amor supera o medo (Cf. 1 Jo 4,18). A pobreza é um ato de fé movido pelo amor, mas que exige sacrifício.

É o “Cristo vazio e livre que ela abraça com entusiasmo, vazia e livre, sem nada de próprio” (PEDROSO, 1994, p. 101). A alegria que brota de quem escolhe a vida de pobreza, desperta a admiração das pessoas que têm muita coisa, mas ainda não encontraram seu amor. O amor pobre e humilde não é uma propriedade, é um ato de entrega total.

“Deus nos amou primeiro” (Cf. 1 Jo 4,19), Deus se entregou para a humanidade por primeiro para que a humanidade fizesse o mesmo. “Deus abraça a pobreza! Ele é humilde! Nenhuma razão humana é capaz, por si só, de inventar uma coisa destas; mas o próprio Deus só se manifesta desta maneira!” (ROTZETTER, 1994, p. 236).

A riqueza conferida de Cristo está na vida em abundância, não na riqueza deste mundo. Ele não se manifesta cercado de riquezas como convêm à razão humana (Cf. ROTZETTER, 1994, p. 236), foi sob o signo da pobreza que Cristo escolheu viver para mostrar onde se encontra a fonte da felicidade e da vida (Cf. PEDROSO, 1994, p. 100).

Clara conhecia bem a vida de riqueza, e aos poucos ela foi percebendo que a imagem de Cristo, contemplada no espelho, ficava mais nítida, quanto mais pobre ela se apresentava. Não precisava mais de máscara nenhuma, pois dentro do espelho estava a figura de um pobre, mais pobre que ela mesma.

Clara pede para que Inês coloque a mente, alma e coração no espelho, para se enfeitar com as virtudes, principalmente da pobreza, humildade e caridade, sinais do despojamento. Para que, dessa forma, Cristo encontre um local para habitar dentro dela (Cf. ZAVALLONI, 1995, p. 217).

A pobreza nunca deixará de ser um exemplo e um testemunho no mundo, não por si mesma, mas por aquele que se fez pobre por amor à humanidade.

2 CRISTO CRUCIFICADO

A Kénosis de Cristo motivou Santa Clara nesse processo de contemplação transformante. A contemplação ao crucificado motiva a abraçar a cruz. O crucificado abraçando a cruz se tornou símbolo de vida, fugir da cruz é, portanto, um símbolo de morte, por isso o crucificado tem importância tão grande na espiritualidade de Clara – Ele é coragem para assumir as dificuldades e certeza da vitória da vida no final (Cf. PEDROSO, 1992, p. 110-112).

A cruz não tem sentido se desligada da ressurreição. “A cruz marca nosso nascimento e nossa sepultura” (PEDROSO, 1992, p. 109). A conversão de Clara é atestada por Celano como uma fuga do mundo (LSC 8,1-2); a cruz, nesse sentido, é a sepultura do século, mas o nascimento para a vida nova.

Na Oração da Cinco Chagas, Clara demonstra que seu “maior desejo [...] é o de tocar com a mão a violência da dor sofrida pelo Cristo” (BARTOLI, 1982, p. 139), pois, contemplando e vivendo essa dor, ela também irá participar das alegrias com o esposo, cuja contemplação restaura, cujo perfume dá vida aos mortos, e a visão gloriosa tornará felizes todos os cidadãos da Jerusalém celeste (Cf. 4 CtIn 11-13). Arrebatada nesse amor e nessa certeza, nenhum sacrifício se tornou pesado, mas fazia tudo movida pelo mistério dessa contemplação ao mesmo tempo dolorosa, mas que se transforma em glória (Cf. PEDROSO, 1994, p. 173).

A cruz foi a consumação do amor de Jesus que se entregou até as últimas consequências pela humanidade. Graças aos méritos da vida morte e ressurreição de Cristo é que podemos nos considerar filhos adotivos de Deus.

Clara, diante de cada imagem do espelho, faz um convite à Inês: para ser mãe do menino posto na manjedoura, para ser esposa do esposo celeste, e ser filha e irmã do Cristo crucificado.

2.1 VOCAÇÃO PARA SER IRMÃOS

Clara, nas cartas, usa por vezes a palavra **irmã**, outras vezes a palavra **filha**; mas as duas palavras estão relacionadas com a filiação divina, o seguimento e a vocação (Cf. BRUNELLI, 1998, p. 147). Ser familiar de Deus envolve seguimento e busca. Clara sempre usa três expressões unidas, “mãe”, “filha” ou “irmã” e “esposa”; em todos os casos envolve uma proximidade muito grande e um cultivo da relação.

A irmandade ou filiação é a marca primeira de todas as pessoas. Desde o nascimento Deus já assume cada um como filho seu pelos méritos da encarnação de Jesus, que se fez nosso irmão. Esse título é, portanto, uma escolha de Deus, que escolheu assumir nossa humanidade. Ser mãe e ser esposa dependem de uma escolha, mas ninguém escolhe os irmãos ou os pais.

Todas as pessoas compartilham de uma mesma vocação, a de serem seguidoras de Jesus Cristo, pois compartilham de um mesmo batismo (Cf. BRUNELLI, 1998, p. 148). A filiação divina assinala o caminho de encontro para a felicidade, uma vez que Cristo, que se fez nosso irmão, mostrou a plenitude da vida humana através de sua encarnação. Seguir Jesus é o caminho para a felicidade plena de todos os filhos de Deus.

As mulheres que viviam no mosteiro de São Damião escolheram para si o título de *irmãs*, para que, por meio da fraternidade, pudessem responder ao compromisso batismal. A forma de vida no mosteiro confirmava e realizava o propósito da vida fraterna (Cf. BRUNELLI, 1998, p. 150).

A forma de vida proposta em São Damião é uma vivência radical da vocação e do seguimento do Evangelho. Essa forma de vida é um convite para que todos descubram que a principal vocação é a de viver como irmãos, todos como filhos de um mesmo Deus (Cf. PEDROSO, 1994, p. 117). A fraternidade é uma proposta para todas as pessoas. Viver a fraternidade universal é o cumprimento de um sonho de Deus para o bem da humanidade.

A fraternidade vivida em São Damião é diferente da fraternidade universal. Uma fraternidade exclusiva de homens ou de mulheres

possui o elemento masculino ou feminino característico. O sonho de vivência da filiação divina é inclusive o equilíbrio entre o masculino e o feminino. Deus chamou as pessoas à vivência plena, e isso não seria possível se não incluísse a sexualidade (Cf. PEDROSO, 1994, p. 120).

A vivência da filiação divina é o caminho de plenitude humana, e a fraternidade é o início desse caminho. A felicidade está contida no cumprimento da vocação e no seguimento de Cristo.

2.2 IRMÃOS DO CRISTO CRUCIFICADO

A vocação comum das pessoas é para a fraternidade universal, pois compartilhamos da mesma paternidade divina. Cristo se encarnou em um período histórico de muita dificuldade, cheio de divisões, marginalizados e excluídos; Ele trouxe a estranha mensagem que todos são filhos do mesmo Deus, e por isso irmãos. Mostrando que todo momento é apropriado para recordar nosso ponto de partida mais fundamental, a filiação divina compartilhada por todos.

Santa Clara faz o convite para assumir o crucificado como irmão, esta é parte necessária do seguimento. No centro do espelho está a humildade daquele se fez um de nós, suportou inúmeras fadigas para remir o gênero humano (Cf. 4 CtIn 22). Da mesma forma como Cristo assumiu as nossas misérias para nos resgatar, é indispensável para quem segue Cristo abraçar os marginalizados.

Não há símbolo maior de miséria do que a humanidade mergulhada no pecado. O próprio Deus abriu mão de sua condição divina para elevar todas as criaturas. Ser irmão do crucificado é, antes de tudo, um compromisso com a realidade social.

O abraço aos marginalizados tem sentido porque Cristo abraçou a humanidade primeiro, quando estava excluída da salvação. Pelo exemplo de Cristo é que essa postura adquire sentido e se torna indispensável no caminho de seguimento.

Abraçar o Crucificado é devolver a possibilidade de vida em plenitude que ele perdeu ou que foi tirada dele; o próprio Cristo foi abraçado e ressuscitado pelo Pai. Mais do que consolar o crucificado,

é um chamado para o envolvimento com a situação de injustiça, pobreza, desigualdade ou de qualquer outro tipo de exclusão. O sofrimento que Cristo assumiu espontaneamente para nos conceder a dignidade de filhos adotivos de Deus deve ser exemplo para assumirmos os sofrimentos dos nossos irmãos crucificados (Cf. PEDROSO, 1992, p. 109-114). A fraternidade universal permanece sendo um sonho enquanto houver uma pessoa privada da dignidade de Filho de Deus, conferida pelo próprio Cristo. A fraternidade é fruto da justiça e da equidade.

“O sofrimento simbolizado pela cruz não é meta de vida, mas um meio de praticar o amor como o de Cristo” (PEDROSO, 1992, p. 115). Cada pessoa é convidada a assumir sua própria cruz. A cruz traz vida eterna, a fuga dessa cruz é sinal de morte. Para aquele que se propõe a contemplar e seguir o espelho, negar o compromisso social com os excluídos é recusar a antecipação da vida celeste, com a vida em fraternidade.

“O sofrimento é o preço da possibilidade de amar desinteressadamente” (PEDROSO, 1992, p. 117). O amor desinteressado é o símbolo da maternidade. Clara primeiro faz o convite para ser mãe de Jesus, e só depois abraçar o Cristo crucificado, como irmão. Quem não consegue se envolver com o sofrimento do Crucificado, na realidade não permitiu que Jesus se encarnasse espiritualmente dentro de si.

Não há sponsalidade nem seguimento sem passar pela via da cruz. O sofrimento é o caminho que se passa para chegar até Cristo, e assim, amá-lo de todo coração, sem nenhuma reserva e sem medo.

A mística sponsal, não ignora a dureza da cruz, mas ressalta o amor que leva à comunhão como o Crucificado. E o amor tem o estranho poder de tornar suave o que é duro e leve o que é pesado. A mística sponsal conserva o coração sempre jovem e faz do seguimento de Jesus Cristo algo que entusiasma, fascina e enche de alegria, mesmo quando experimentado em sua dimensão essencialmente escatológica de comunhão com o Crucificado. Clara de Assis fez esta experiência.

Foi uma mulher que irradiou jovialidade, alegria e leveza, durante toda a sua vida (BRUNELLI, 1998, p. 134).

“Jesus [...] se deixou crucificar porque a humanidade estava crucificada no mal e condenada à morte. Ele morreu para que fôssemos livres do mal e não das cruzes” (PEDROSO, 1992, p. 114). Se fossemos livres das cruzes, também o seríamos do caminho que leva até o Cristo, assim permaneceríamos longe do amor vivificante. Ainda que o crucificado tenha aparência de um vencido, a opção pela cruz conduz à vida eterna. Aceitar a cruz é aceitar a ressurreição, pois a opção pela vida eterna contém em si a morte para o mundo (Cf. PEDROSO, 1994, p. 107-108).

2.3 AMOR AO CRUCIFICADO

O Cristo que se fez homem é uma autêntica expressão de amor. A cruz é o ápice do amor em suas últimas consequências – dar a vida para o bem dos seus amados, “[...] o crucifixo era o ‘espelho’ em que eles contemplavam” (PEDROSO, 1992, p. 112), em tal espelho não havia senão a personificação do amor.

O crucificado é bonito porque é um eterno portador da Vida. Ele é a vida que está sempre vencendo a morte, sem a aniquilar. Sua beleza é a própria Cruz, símbolo do enfrentamento das forças opostas e do respeito de Jesus por elas (PEDROSO, 1994, p. 107).

O seguimento envolve a dificuldade do sofrimento, mas a beleza tão sensível daquele que é o crucificado. O abraço ao irmão crucificado é o mesmo abraço que Cristo deu à cruz. O sofrimento se rende ao amor, mas não é destruído por ele.

Expressando dessa forma, Clara chama atenção para um aspecto importante do seguimento de Jesus Cristo: o envolvimento amoroso com o Mestre, ao mesmo tempo em que se assume a causa do Reino. O discípulo e a discípula não são apenas obreiros, são também amantes de Alguém que atrai e fascina,

porque encarna e concretiza os anseios humanos mais profundos. O convite de Jesus ao seguimento é acompanhado por uma espécie de “toque”, um segredo que só é desvendado por quem se deixa cativar e envolver: *Fitando-o Jesus o amou... (Mc 10,21)* (BRUNELLI, 1998, p. 135).

A contemplação envolve o abraço ao crucificado, mas é necessário o toque de Deus, capaz de chegar ao coração de todo homem. Deus transforma pelo toque, dos olhares ou dos corações que se abraçam.

O amor de quem abraça o crucificado como irmão é gratuito, não se importa com benefícios, pois brota da mesma fonte que o amor de Cristo pela humanidade. Cada irmão é um reflexo vivo da imagem de Deus. De tanto amar a Deus, Clara viveu totalmente no mundo sem se deixar prender pelo mundano.

Clara busca a vivência das dificuldades como forma de assumir Jesus Crucificado. Ela quer viver e experimentar isso de forma tão intensamente que busca assemelhar-se à imagem do espelho sem mancha. A cruz é identificação das imagens, é a vida de cada pessoa traspassada pela vida de Jesus. A cruz é convite para o encontro do pecador arrependido com o Cristo de braços abertos (Cf. PEDROSO, 1992, p. 113).

Só consegue abraçar o crucificado aquele coração que não se acostuma com as dificuldades, com os sofrimentos e com a história daquele que morreu na cruz para nossa salvação. Cada abraço tem sua própria carga de dificuldade e sofrimento, mas a cada abraço aumenta o amor “que tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Cor 13, 7).

A cruz vivida por Clara é uma cruz redentora. Não se percebe nenhum prazer pelo sofrimento em si mesmo, mas pelo fato de poder assumi-lo por Cristo e, com Cristo, gerar vida nova. O termo final, portanto, não é a cruz, mas a vida que dela brota (BRUNELLI, 1998, p. 209).

Aquele que é crucificado com Cristo, com Ele também viverá as alegrias eternas. Toda forma de injustiça, exclusão e morte são

derrotadas pelo amor daquele que se doa totalmente. Nenhuma vida que morreu para o mundo fica sem frutificar. Aqueles que abraçam o irmão crucificado são representantes do próprio Cristo pela gratuidade amorosa.

3 CRISTO ESPOSO

Pelo sacrifício de Jesus é que humanidade foi elevada em dignidade, podendo assim pensar em Deus como *Emanuel*. Cristo dignou a humanidade para se tornar sua esposa; Ele tomou a iniciativa de ir ao encontro e se declarar para sua amada.

Deus foi quem lutou e permanece lutando por esse relacionamento de amor. Todas as faltas, Deus mostra que podem ser perdoadas, por um coração que ama com todas as fibras. Diante da insistência de Deus, cada pessoa é convidada a abraçar e tentar corresponder a esse amor imenso.

3.1 ESPONSALIDADE NA BÍBLIA

A figura de Cristo como esposo é utilizada na Bíblia para falar sobre a relação entre Deus e o povo, sobre as diversas formas que Deus utilizou para chegar até seu povo e sobre as diversas formas que se manifestou.

Referências à sponsalidade podem ser encontradas em toda a Sagrada escritura. No livro de Oséias podemos verificar a forma carinhosa como é tratada a questão entre a esposa, o pecado, a reconciliação e enfim as núpcias entre o povo e Deus.

3.1.1 Esponsalidade no Livro de Oséias

Oséias foi profeta entre 750-725 AC. Ele viveu durante um dos períodos de esplendor de Israel, mas os governantes estavam envolvidos com corrupção e o povo estava idolatrando Baal, pois o Deus dos antepassados não servia mais para eles. Oséias foi um esposo apaixonado, mas sua esposa o traiu; com isso ele sofreu muito, e converteu essa experiência para a relação de Deus com o povo. Deus é um esposo que diante da infidelidade se enfurece, sofre,

ameaça, castiga; mas depois cheio de ternura perdoa e se reconcilia (Cf. PEDROSO, 2012, p. 96-97).

Deus manda Oséias tomar uma prostituta como esposa (Cf. Os 1,2), pois é assim que o povo se comportou em relação a Deus. Essa esposa deu à luz filhos do seu tempo de prostituição (Cf. Os 1,4). Nos filhos da prostituição, Deus colocou sua esperança, mas também eles se prostituíram e deram à luz filhos que não eram de Deus (Cf. Os 1,6-9).

Deus fala para os filhos que a mãe deles se prostituiu e que não é mais sua esposa, mas ela irá voltar, pois não irá encontrar felicidade com seus amantes, então ela perceberá que era feliz com seu primeiro amor (Cf. Os 2, 2-7). Ela preferiu os anéis dos amantes ao amor verdadeiro do seu esposo (Cf. Os 2,15). O esposo foi trocado pelo amante, mas Deus ainda assim diz: “Eu mesmo a seduzirei conduzindo-a ao deserto e falar-lhe-ei ao coração” (Cf. Os 2,16).

Deus se propõe a conquistar novamente seu povo, para que eles conheçam de verdade quem é o esposo (Cf. Os 2, 21-22). Ainda que tenha sofrido o adultério, O esposo continua amando sua esposa e vai ao seu encontro (Cf. Os 3,1).

Os frutos da prostituição não saciam, não se multiplicam, são sem gosto (Cf. Os 4, 10-11), pois os deuses a quem se prostituem nem sequer existem. Mas o Senhor quer amor, não sacrifícios, quer que o conheçam de verdade, não holocaustos (Cf. Os 6,6).

O Senhor sabe onde foi traído (Cf. Os 6,7), e por algum tempo sustentou sua amada, mesmo vivendo na infidelidade (Cf. Os 2,10). O amor verdadeiro foi trocado pelo salário da prostituição (Cf. Os 9,1). Nem mesmo o cuidado que Deus tinha durante tantos anos serviu para evitar a traição (Cf. Os 9, 10).

Mesmo diante de tanto sofrimento, Deus escolhe amar, e perdoa seu povo, pois seu coração se contorce de comoção pela sua amada. Ele se recusa a executar sua ira (Cf. Os 11, 8-9). A amada volta arrependida oferecendo o fruto dos seus lábios (Cf. Os 14,3). O Senhor tomado de compaixão diz então: “Eu curarei a sua apostasia, eu os amarei com generosidade, pois minha ira afastou-se dele” (Os 14,5).

Mesmo diante de toda infidelidade e devassidão do povo, é Deus que tem sempre a iniciativa e permanece firme no seu desejo de desposar esse povo. Deus é o esposo eternamente apaixonado, que nutre e cuida da sua amada mesmo quando essa está afundada na infidelidade.

3.2 ESPONSALIDADE NA LEGENDA DE SANTA CLARA

A forma como Tomás de Celano entende as núpcias de Santa Clara e Jesus, podem nos trazer pistas sobre a forma como ela vivia e demonstrava isso por meio do exemplo. Celano apresenta uma biografia repleta de poesia, mas a beleza da sua história possui relação direta com a vida virtuosa que Clara levou no Mosteiro de São Damião.

Conta Celano que Clara diante da visão dos gozos celestes, desprezou o mundo, pois ansiava pelos esposais eternos. Rejeitou todo pecado, no esforço de merecer as núpcias do grande Rei. Abandonou tudo para merecer Cristo (Cf. LSC 6).

Aceitou cortar seus cabelos, pois recebendo as insígnias da penitência é como se desposasse Cristo (Cf. LSC 8). Clara não se arrepende da sua experiência, e por isso que ela deseja que, também Inês conheça esse amor. De tanto que amou seu esposo, desejava que Inês, sua irmã carnal, mudasse sua perspectiva de casamento humano, para uma união perpétua, com o Esposo da glória (Cf. LSC 24).

Ela contemplava as lágrimas do Cristo sofredor, e de tanto que amava esse seu esposo, do seu rosto também brotavam lágrimas pela dor do seu amado. Mais do que apenas sentir, ensinava esse amor às suas noviças (Cf. LSC 30). Ela colocava seu coração na contemplação do Cristo sofredor, tanto que, na quinta-feira santa, fechou-se na sua cela, e embebeu-se da tristeza da morte de Cristo. Se compenetrrou, durante dois dias, a ponto de ficar quase que insensível. Quando Clara voltou a si, na noite do sábado, acreditava ainda ser dia; logo depois Clara falou à noviça “Bendito seja este sonho, filha querida, porque ansiei tanto por ele e me foi concedido. Mas guarde-se de contar este sonho a quem quer que seja, enquanto eu viver na carne” (LSC 31). No coração da virgem Clara, “estava plantada a árvore da cruz, cujo fruto restaura a alma, cujas folhas oferecem remédio para o corpo” (LSC 35).

O amor do esposo dava força para vencer qualquer austeridade, penitência ou doença, e se ornar com as virtudes, através do mérito das obras (LSC 39). Clara mesma falou para Frei Reinaldo: “Irmão querido, desde que conheci a graça de meu Senhor Jesus Cristo por meio do seu servo Francisco, nunca mais pena alguma me foi molesta, nenhuma penitência foi pesada, doença alguma foi dura” (LSC 44). A figura do crucificado é a razão pela qual aceita todas as privações.

Celano apresenta que, Clara, no fim de sua vida, recebeu o coro das virgens, que lideradas pela Virgem Maria a revestiram do véu das virgens.

A mão do Senhor posou também sobre a outra que, entre lágrimas, teve esta feliz visão com os olhos do corpo. Transpassada pelo dardo da profunda dor, voltou o olhar para a porta do quarto e viu entrar uma porção de virgens vestidas de branco, todas com grinaldas de ouro na cabeça. Entre elas caminhava uma mais preclara que as outras, de cuja coroa, que em seu remate tinha uma espécie de turíbulo com janelinhas, irradiava tanto esplendor que mudava a própria noite em dia luminoso dentro de casa. Ela foi até a cama em que estava a esposa de seu Filho e, inclinando-se com todo amor sobre ela, deu-lhe um terníssimo abraço. As virgens trouxeram um pálio de maravilhosa beleza e, estendendo todas à porfia, deixaram o corpo de Clara coberto e o tálamo adornado (LSC 46).

Celano não hesita em dizer que durante toda a vida Clara viveu essa dimensão esponsal com Cristo. Esse caminho de nascimento, conversão, lutas e penitências, conduziram Clara para o banquete da Glória. Aquela que durante toda vida se dedicou ao esposo, foi agraciada pela mãe do próprio Cristo.

3.3 O AMOR DE CLARA PELO CRISTO ESPOSO

O amor que Clara cultivava por Cristo era de sponsalidade. Clara olhava para a profundidade da vida de Jesus, ela foi apaixonada pela

totalidade do seu amado. Ela não buscou o que faltava em si, antes amou em totalidade seu esposo. Clara viveu de forma profunda o amor éros na sua relação com Jesus.

A identificação com o Cristo pobre e crucificado levou Clara à descoberta do Cristo total (Cf. PEDROSO, 1994, p. 125). O processo de seguimento e identificação não pode permanecer inacabado, ao abraçar o Cristo que sofre, ao mesmo tempo, acontece a identificação com o Cristo que venceu tudo.

Uma das necessidades do amor éros é a diferença, e a descoberta do outro. A diferença entre o Cristo é mais forte e profunda do que se possa explicar. As palavras não são suficientes para explicar o amor. Mergulhados dentro do amado, somos levados para além daquilo que nós mesmos somos (Cf. PEDROSO, 1992, p. 181).

Assumir Cristo totalmente é um dos princípios da espiritualidade Clariana: “O tema dos esponsais com Deus é tão importante quanto o da pobreza para Santa Clara em todas as suas cartas” (PEDROSO, 1992, p. 138), pois a união esponsal é exigente, e conduz para a identificação total com Ele.

Clara entende a perfeição como as núpcias pessoais com Cristo. Essa união se dá na pobreza absoluta, grande humildade e no mais ardente amor (Cf. ROTZETTER, 1994, p. 217). Perfeição não é excelência, perfeição é estar perto de Cristo, ainda que com muitas falhas permanecer junto dele. A perfeição é um processo que depende da vontade humana e da transformação divina.

A esponsalidade é um compromisso permanente, ninguém pode se desfazer dos esponsais. É uma escolha firme que acompanha durante todas as escolhas e situações (PEDROSO, 1994, p. 111). A confiança necessária envolve a certeza da relação concreta mútua, as núpcias são fruto do seguimento enamorado de uma pessoa; nunca de algo abstrato.

A relação com Cristo deve ser de partilha; da vida, do corpo, alma, sonhos... As núpcias esponsais aqui são prenúncio e amostra da vida eterna. Na vida eterna Deus será o único e verdadeiro esposo do seu povo (Cf. PEDROSO, 1994, p. 84).

A esponsalidade é composta pela pobreza e seguimento de Cristo; mesmo a virgindade é considerada na perspectiva de seguimento amoroso (BRUNELLI, 1998, p. 131). Quando a alma de uma pessoa se une à de Cristo, pelo Espírito Santo, que é fonte de todo amor; acontece a esponsalidade (Cf. PEDROSO, 1994, p. 113).

Ao mesmo tempo em que o esposo é o que Clara tem de mais precioso, é aquilo que ela partilha com Inês. E durante as cartas esse assunto não se esgota, mas é crescente, pois não é uma vaga referência, o esposo é a vida partilhada (Cf. PEDROSO, 1994, p. 112). Por isso o esposo é partilha total e inesgotável de vida, é a união por excelência que inicia aqui e se plenifica na eternidade.

4 CRISTO GLORIOSO

Clara entende o Cristo glorioso como o Rei da Glória e esposo. Ela o vê naquele que passou pela cruz caminho para se chegar à glória. A cruz se fez símbolo máximo de humildade e caridade inefável. Clara amou o Cristo nas realidades concretas da Igreja, e isso a levou ao encontro com o Rei da Glória (Cf. PEDROSO, 1994, p. 201).

O Cristo Glorioso é identificado depois de um itinerário de vivência com ele. A relação de esponsalidade e identificação com o crucificado conduz para vitória sobre a morte; “se *morrer com ele* na cruz da tribulação, vai ter com ele mansão celeste nos esplendores dos santos” (2 CtIn 21). Essa é a profunda certeza que Clara partilha com Inês.

“Clara vive sempre a antevisão e o antegozo do reino da glória em tudo” (PEDROSO, 1994, p. 204), isso é o que confere forças para ela assumir o abraço ao crucificado e ser mãe pobre do Cristo pobre. Ela sente a presença do Deus, e mantém uma relação com Ele na simplicidade do mundo e das coisas.

Clara convida Inês e todos os que querem trilhar o mesmo caminho que ela, a enxergar reflexos do Rei da Glória em todas as pessoas que caminham conosco (Cf. PEDROSO, 1994, p. 205). Viver a união com o Rei da Glória não significa viver a glória aqui; mas é entender que a eternidade é um feliz banquete, para aqueles que conseguiram viver

a pobreza como o menino do presépio e a humildade e caridade como o Cristo crucificado.

O banquete nupcial é o fruto de uma vida de seguimento e identificação. As núpcias com o Rei da Glória são fruto de uma caminhada, onde o amor provou ser verdadeiro e permanente diante de todas as situações concretas de vida. Clara desposou Cristo em sua vida, por isso Cristo a dignou para tomá-la como esposa na vida eterna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O itinerário proposto por Santa Clara tem um único objetivo, fazer com que Cristo se encarne na vida de cada pessoa. Quem vive de acordo com o processo de Santa Clara pode chegar ao fim da vida e dizer como Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vivem em mim” (Gl 2,20). Toda vocação compartilha dessa mesma finalidade.

Encarnar Cristo na manjedoura da alma, toma-lo como irmão, assumindo a filiação divina, e desposá-lo, seja nos momentos de dor, ou nas alegrias, fundem a história de Jesus com a vida atual de cada pessoa. A salvação vai ao encontro daqueles que necessitam serem salvos; é uma opção do próprio Deus. A vida de Jesus é a resposta divina para o grito humano da falta de sentido na existência.

A vida de Cristo é o espaço onde tudo adquire sentido, pois tudo está fundado no amor. A injustiça cometida pela humanidade, a de matar o próprio Cristo, foi como uma lança que penetrou profundo no coração de tantas pessoas, e fez entender que, amar é doar o que temos de mais precioso.

Deus escolheu cada pessoa, dando a vida, perdando, e insistindo no amor. Cada pessoa foi delicadamente escolhida para descobrir o amor que Ele reservou. Mas, ao mesmo tempo, é uma escolha pessoal e intransferível. O amor só existe a partir dessas duas escolhas que envolvem a vida daqueles que dizem *sim*. Deus nos escolheu, e também nos chamou para escolhê-lo.

REFERÊNCIAS

BARTOLI, Marco. **Clara de Assis**. Tradução de Almir Ribeiro Guimarães, OFM. Petrópolis: Vozes, 1982.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. José Bortolini (Coord. Edit.). 4 imp. rev. ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BRUNELLI, Delir. **Ele se fez caminho e espelho**: o seguimento de Jesus Cristo em Clara de Assis. Petrópolis: Vozes, 1998.

ENOUT, Dom João Evangelista (Trad.). **Regra de São Bento**. Rio de Janeiro: Mosteiro São Bento, 2002. Disponível em: <<http://www.osb.org.br/regra.html>>. Acesso em: 04 nov. 2014.

PEDROSO, Frei José Carlos. **Abrace o Cristo Pobre!**: a espiritualidade de Santa Clara. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 2012.

_____. **O Cristo de Clara**. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1994.

_____. **Olhos do Espírito**: itinerário de formação na contemplação na escola de Francisco de Assis. 2. ed. cor. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1992.

ROTZETTER, Anton. **Clara de Assis**: a primeira mulher franciscana. Tradução de Carlos Almeida. Petrópolis: Vozes, 1994.

TEIXEIRA, Celso Márcio et. al. (Trad.). **Fontes franciscanas e clarianas**. Petrópolis: Vozes, 2004.

ZAVALLONI, Roberto. **A Personalidade de Santa Clara de Assis**: estudo psicológico. Tradução de Frei Ary E. Pintarelli, OFM. Petrópolis: Família Franciscana do Brasil, 1995.